



XVIII SIMPURB
Simpósio Nacional
de Geografia Urbana 2024 Niterói

**Uma agenda para
a democratização
da cidade**

3 a 7 DEZ

Universidade Federal Fluminense
Instituto de Geociências - Campus da Praia Vermelha

GT – 08: Geografia e apropriação urbana: ensino de cidade e das comunidades tradicionais

PROPOSTA DIDÁTICA PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA DA CIDADE DE SÃO GONÇALO ATRAVÉS DA CULTURA HIP-HOP:

Explorando São Gonçalo através das suas letras

Autor: Lucas Domingos da Silva
Filiação institucional: UERJ/FFP
E-mail: aeoza91@gmail.com

RESUMO: Este trabalho objetiva abordar uma proposta didática para o ensino de geografia urbana da cidade de São Gonçalo utilizando a cultura hip-hop, especialmente letras de rap, como recurso educacional. A metodologia envolve a seleção e análise de letras que refletem as realidades locais, abordando temas como desigualdade social, violência urbana e identidade afro-brasileira. Em sala de aula, os alunos participam de atividades que incluem análise textual, produção de mapas mentais e debates, promovendo uma compreensão mais profunda das dinâmicas geográficas e sociais da cidade. O objetivo não é apenas transmitir conhecimentos acadêmicos, mas também fortalecer a identidade cultural dos alunos e promover uma educação inclusiva e antirracista.

Palavras-chave: Ensino de geografia; Cultura Hip Hop; Cidade de São Gonçalo.

1. INTRODUÇÃO

O avanço das novas tecnologias tem transformado o cenário educacional, demandando a adoção de metodologias inovadoras e interdisciplinares para o processo de ensino-aprendizagem. Na educação, os desafios são numerosos, especialmente no contexto das dinâmicas urbanas complexas e contrastantes que caracterizam cidades como São Gonçalo. Para acompanhar essas transformações e garantir uma educação de qualidade, torna-se essencial integrar a interdisciplinaridade ao currículo escolar.

Segundo Fazenda (1994 Apud FERREIRA, 2012), a interdisciplinaridade envolve a integração de dois ou mais componentes curriculares, promovendo uma visão do conhecimento como um todo interligado, em vez de fragmentado. O seu uso promove a interação entre diferentes disciplinas e conhecimentos, enriquecendo o processo de ensino/aprendizagem. Para isso, é fundamental que os professores utilizem métodos e técnicas de cada disciplina, proporcionando uma maior compreensão dos fatos e fenômenos do cotidiano dos alunos.

A interdisciplinaridade conecta diferentes áreas do conhecimento, permitindo que professores e alunos construam juntos saberes contextualizados e relevantes. Enriquece o processo educativo, facilitando a compreensão das realidades sociais e culturais dos alunos (FERREIRA, 2012). É neste contexto que surge a proposta de utilizar a Cultura Hip Hop, em particular suas letras, como um recurso didático para o ensino de Geografia.

Diferentes linguagens, como músicas, imagens e poesias, são ferramentas necessárias no processo de mediação do conhecimento, pois elas potencializam as formas de ensino e aprendizagem de qualquer conceito e conteúdo (COSTA; SACRAMENTO, 2022). Esses recursos pedagógicos permitem que professores articulem, através de variadas estratégias, processos, conteúdos e conceitos, facilitando a construção de maneiras de leitura e análise do espaço geográfico. A escolha de um conteúdo, linguagem e fundamentos da geografia é essencial para uma abordagem educativa eficaz.

Pode-se apresentar a Cultura Hip-Hop, com seus elementos de rap, graffiti, breakdance e DJing, como uma das possibilidades de se trabalhar na sala de aula, uma vez

que tem profundas raízes urbanas e oferece ricas questões geográficas e sociais. As letras de rap frequentemente abordam temas como desigualdade, violência, identidade e resistência, refletindo as vivências dos jovens nas periferias urbanas, o que é visto no Inventário da Cultura Hip Hop no Estado do Rio de Janeiro (2023), ano do cinquentenário do Hip-Hop no mundo. Integrar esses elementos ao ensino de Geografia pode colaborar para a aprendizagem dos alunos a desenvolverem diferentes leituras e análises geográficas.

Considerando que São Gonçalo é reconhecido como um dos berços da Cultura Hip-Hop no Brasil, a utilização desta expressão cultural nas aulas de Geografia não apenas ressoa com os ideais de Paulo Freire, mas também se alinha de forma ainda mais profunda com a realidade local e histórica da comunidade. Paulo Freire (1997), em sua “Pedagogia da Autonomia”, enfatiza a importância de iniciar o processo educativo a partir do conhecimento prévio e das vivências dos alunos, valorizando suas experiências locais como ponto de partida para o aprendizado significativo.

O rap, como destaca Guimarães (2000 apud COSTA; SACRAMENTO, 2022), promove debates e questionamentos sobre a sociedade, oferecendo possibilidades de informações para discutir a exclusão social, uma realidade com a qual muitos alunos se identificam. A Lei nº 11.769 de 18 de agosto de 2008, que prevê o ensino obrigatório de música na educação básica, oferece uma base legal para essa abordagem. No entanto, esta proposta vai além de tratar a música como uma disciplina separada, buscando utilizá-la como uma ferramenta interdisciplinar que colabora para a compreensão de conceitos geográficos e promove o desenvolvimento integral dos alunos.

Este artigo apresenta uma proposta didática para o ensino da Geografia da cidade de São Gonçalo por meio do Hip-Hop, explorando a cidade através de suas letras de rap e os espaços que as atravessam, como as batalhas de rima. A proposta visa conectar os estudantes com sua realidade urbana, utilizando a música para facilitar a aprendizagem e incentivar uma análise crítica dos aspectos geográficos e sociais que são característicos de seu cotidiano.

O desenvolvimento deste trabalho é parte do projeto de pesquisa da Bolsa de Iniciação Científica – PIBIC-CNPq (2022-2025) Projetos Temáticos “Propostas e materiais didáticos para professores de Geografia no Estado do Rio de Janeiro” financiado pela Faperj (Fundação

de Amparo à Pesquisa do estado do Rio de Janeiro (2022-2026) e do Projeto Universal (2022-2025) financiado pelo CNPq, tendo como objetivo desenvolver propostas e materiais didáticos para professores, destacando a importância desses elementos na construção do conhecimento.

A abordagem busca integrar a interdisciplinaridade ao currículo escolar, conectando diferentes áreas do conhecimento para enriquecer o processo educativo e facilitar a compreensão das realidades sociais e culturais dos alunos. A proposta pretende utilizar a música para conectar os estudantes com sua realidade urbana, promover uma análise crítica dos aspectos geográficos e sociais de seu cotidiano, e desenvolver materiais didáticos que valorizem o conhecimento prévio e as vivências dos alunos, alinhando-se com os ideais de Paulo Freire (1997).

O presente texto está dividido em três momentos: a) o primeiro, que aborda as raízes do movimento Hip Hop e seus quatro elementos fundamentais: Rap, breakdance, DJ e graffiti, juntamente com a abordagem teórica demonstrando a relevância do rap para o ensino de Geografia da cidade de São Gonçalo; b) o segundo momento, abordando a metodologia que será utilizada para a aplicação da proposta didática nas escolas do município de São Gonçalo e c) o terceiro momento, que serão exploradas letras de rap de artistas gonçalenses e suas contribuições para o ensino geográfico da cidade.

2. A CULTURA HIP HOP COMO RECURSO GEOGRÁFICO

2.1 Origens e Elementos da Cultura Hip Hop

O Hip-Hop é um movimento cultural que teve origem na década de 1970 nos bairros marginais de Nova York, nos Estados Unidos, e se expandiu globalmente. Composto por quatro elementos principais – o Rap, a dança break, o DJ e o Graffiti – é uma expressão artística multifacetada. O Rap, que significa "ritmo e poesia", é cantado pelos MCs (mestres de cerimônia) sobre batidas produzidas pelos DJs. A dança breakdance e as artes visuais do grafite também são elementos fundamentais desse movimento (COSTA; SACRAMENTO, 2023).

Ao chegar no Brasil, se estabeleceu como uma forma de ressignificação para comunidades em diáspora, especialmente nas periferias urbanas. Assim como nos Estados Unidos serviu como uma estratégia de sobrevivência e expressão cultural. Promovendo eventos culturais que refletiam as block parties originais de Nova York, o movimento se tornou um espaço de união e debate público sobre questões sociais e urbanas.

Mendes e Neiva (2019) oferecem uma análise aprofundada da contribuição do "quinto elemento" no Hip-Hop, destacando seu papel crucial na dinâmica cultural e política do movimento. Tradicionalmente conhecido por seus quatro elementos é ampliado pelo "quinto elemento", que representa uma "consciência" ou ética que permeia todas as atividades do movimento. Essa ideia do "quinto elemento" foi introduzida por DJ Afrika Bambaataa com a criação da Zulu Nation em 1977. A Zulu Nation foi a primeira organização comunitária do Hip-Hop, criada para reduzir a violência das gangues no Bronx, substituindo conflitos físicos por embates estéticos. O objetivo era usar a manifestação artística como instrumento de transformação das condições de existência em contextos de desinvestimento econômico e social. Vários rappers testemunham a capacidade do rap de promover a superação de limites e a expansão pessoal. Artistas como Mano Brown, dos Racionais MCs, relataram que o rap lhes ensinou autoestima, história e ofereceu uma nova perspectiva de vida. Apesar de sua absorção pela indústria cultural e sua mercantilização, o rap mantém sua relação com o "quinto elemento" como uma força de resistência. O rap é visto não apenas como uma forma de denúncia social, mas como uma linguagem que promove uma consciência crítica e a capacidade de agir, assim como Mendes e Neiva (2019, p. 210) afirmam:

Portanto, nosso trabalho enxerga o rap como um pensamento, em sentido forte, encarado como força, uma filosofia da ação, uma pedagogia para a potência. Não somente aquilo que muitos chamam de “rapmensagem”, já que não estamos falando de um rap necessariamente de denúncia, sociologizado como um reflexo do cotidiano vivido nas periferias brasileiras. Nosso objeto é o rap como linguagem, como saber sensível, desterritorializador. Talvez algo perto daquilo que Criolo diz quando canta que “Todo maloqueiro tem um saber empírico”. E também do que o importante rapper brasileiro Sabotagem nomeava quando cantava que “O rap é compromisso”.

Nesse sentido, destacam que o "quinto elemento" não apenas expande o entendimento tradicional do Hip-Hop, mas também fortalece sua capacidade de resistência cultural e social, oferecendo uma plataforma para a expressão de identidades marginalizadas e uma voz crítica diante das injustiças contemporâneas.

2.2 Relevância do Rap para o Ensino de Geografia da Cidade de São Gonçalo

Rodrigues (2009) afirma que dentro do conjunto crítico do Movimento, duas questões principais destacam-se: a crítica à segregação sócio-espacial e ao racismo. A segregação sócio-espacial engloba desigualdades socioeconômicas, acesso limitado a bens de consumo coletivo, precariedade de políticas urbanas, violência policial e segurança pública. O racismo é visto como um componente estrutural da segregação, não como uma causa secundária.

O Hip-Hop através do elemento do rap constrói uma crítica a essa formulação hegemônica, destacando a globalização da periferia e seu caráter singular. Letras de músicas, como as dos Racionais MC's, descrevem a realidade socioespacial da periferia, onde a ausência do Estado e a violência cotidiana são comuns. A relação violenta entre a polícia e os moradores das favelas e periferias, destaca a violência policial e a arbitrariedade contra os mais pobres, especialmente os negros.

Rodrigues ainda vai afirmar que o Movimento vai além de ser apenas uma manifestação cultural ou estética; ele representa um ativismo social com um imenso potencial questionador, crítico e pedagógico, fundamental para conquistas de cidadania. A capacidade político-pedagógica do Hip-Hop deve ser utilizada para mobilizar e organizar pessoas, transformando-as em protagonistas políticos nas cidades brasileiras.

O conjunto crítico do hip-hop pode nos fornecer elementos para se pensar um planejamento urbano crítico e alternativo, uma vez que ele nos permite fazer uma leitura diferente da cidade e da sociedade a partir de um ativismo social singular, que traz suas próprias questões, que coloca os problemas a sua maneira. Dessa forma, é possível que possamos apreender elementos dessa crítica que nos permitam pensar em novas formas de democratização radical do planejamento e da gestão urbana, assim como incorporar uma ampla discussão sobre o racismo dentro e para além do planejamento e da discussão da cidade. (RODRIGUES, 2009: p. 118)

O rap, por possuir um elemento essencial que vai além dos seus componentes tradicionais (MC, DJ, breakdance e graffiti): o "quinto elemento", representa a consciência social e política que permeia o Movimento Hip-Hop, desempenhando um papel crucial na documentação e na crítica dessas dinâmicas urbanas que a cidade de São Gonçalo é marcada por diversos desafios como: segregação socioespacial, gentrificação, territorialidade, racismo em todos os seus níveis, entre outros.

A Geografia crítica, influenciada pelo marxismo, analisa como o espaço é apropriado pelo modo capitalista de produção, afetando o uso dos elementos espaciais e influenciando a vida urbana e rural. A produção do espaço é fundamental nessa análise, pois reflete as interações sociais e históricas ao longo do tempo. O rap é uma expressão cultural que desafia a cultura hegemônica, promovendo novas identidades e espacialidades, especialmente nas periferias urbanas (TEIXEIRA, 2020). A análise geográfica materialista histórica destaca a importância de entender não apenas a organização, mas a produção do espaço como um processo determinante para a reprodução do capitalismo. A luta pelo direito à cidade surge como um movimento para reconfigurar as desigualdades socioespaciais, buscando uma cidade mais justa e inclusiva

Nesse cenário, a noção de produção que advém das obras de Marx foi mobilizada por pesquisadores na busca da compreensão do movimento do real. Esse movimento no interior do pensamento geográfico também tem relação com a busca por compreender as transformações socioeconômicas que refletiram nas transformações espaciais, e, para melhor compreendê-lo, buscou-se, para além da organização, pensar na produção do espaço como fundamento da reprodução capitalista do espaço. (TEIXEIRA, 2020: p. 21)

A Geografia escolar é um meio para desenvolver uma leitura crítica do espaço urbano, ajudando os alunos a compreenderem as dinâmicas sociais e econômicas que moldam suas realidades. A periferia não é apenas como uma localização, mas como um espaço socialmente construído que perpetua e reproduz as desigualdades.

Guimarães (2007) destaca como o Movimento, incluindo o rap, transcende fronteiras geográficas e culturais, unindo jovens marginalizados em diferentes partes do mundo através de novas identidades. Essa desterritorialização cultural permite que jovens em periferias distantes compartilhem experiências semelhantes de exclusão e marginalização, utilizando o rap como um meio de expressão e resistência. Foi rapidamente adotado por jovens de outras periferias globalmente, incorporando elementos locais como samba no Brasil ou música tradicional africana no Senegal. Isso não é apenas uma imitação do rap americano, mas uma adaptação que reflete as realidades culturais e sociais locais.

Além de denunciar a violência e a discriminação enfrentadas por esses jovens, o rap se torna um canal de comunicação direto entre as periferias e o resto da sociedade, desafiando o status quo e dando voz aos marginalizados. É visto como uma forma de educação política e social, promovendo a conscientização e a transformação dentro das comunidades periféricas.

Essas narrativas podem ser utilizadas no ensino de Geografia para ilustrar e discutir a organização do espaço urbano, as divisões entre áreas centrais e periféricas, e os impactos da segregação nas oportunidades e qualidade de vida dos moradores (COSTA; SACRAMENTO, 2022).

O rap não só oferece uma nova perspectiva sobre a cidade e a sociedade, mas também fornecem elementos para um planejamento urbano mais crítico e inclusivo. Eles permitem uma leitura alternativa das dinâmicas urbanas, promovendo discussões essenciais sobre democratização radical do planejamento e gestão urbana, assim como sobre o combate ao racismo em todas as suas manifestações.

São Gonçalo, com seus desafios urbanos e sociais, fornece um contexto rico para a aplicação das análises geográficas críticas discutidas acima. Utilizar o rap como recurso didático no ensino de Geografia permite uma abordagem que integra a vivência dos alunos com a teoria acadêmica, promovendo um entendimento mais profundo e crítico das dinâmicas espaciais e sociais da cidade.

Cidade em que se constituiu uma das manifestações culturais mais populares do Hip-Hop nacional, a “Batalha do Tanque”, considerada, atualmente, a mais famosa batalha de Rap do país, e que atrai as juventudes de todo o território nacional para eventos semanais, e que conta com a presença de DJs e MCs de outras periferias do Brasil inteiro. Periferias urbanas compreendidas como territórios estigmatizados, segregados e marcados por problemas relacionados à ausência de direitos políticos, sociais e civis. (COSTA; SACRAMENTO, 2023, p.19)

Nunes (2019), ao refletir sobre a formação de identidade territorial em São Gonçalo, aborda como as rodas culturais de rap emergem como um fenômeno significativo que atrai centenas de jovens e adultos de diversas partes da cidade. Esses encontros, como a Batalha do Tanque no Patronato, não apenas organizam a comunidade, mas também estabelecem uma dinâmica própria e uma territorialidade específica. Essas práticas culturais não são apenas eventos de entretenimento, mas espaços de expressão que desafiam a marginalização e a exclusão social, contribuindo para uma nova compreensão da periferia.

Para analisar essas diferentes territorialidades na Praça dos Ex-Combatentes é essencial considerar o papel do rap como um meio de mapear São Gonçalo. O movimento das batalhas de rap, iniciado em 2011, exemplifica como a cultura popular local pode resistir às estruturas de poder dominantes. A Batalha do Tanque, por exemplo, não apenas celebra a

expressão artística, mas também enfrenta desafios como a repressão policial e o estigma social. Essas dinâmicas revelam histórias de resistência e resiliência que são fundamentais para entender as complexidades urbanas e sociais da cidade.

Portanto, ao integrar o rap como recurso didático no ensino de Geografia em São Gonçalo, os educadores não apenas enriquecem o currículo escolar com uma perspectiva culturalmente relevante, mas também capacitam os alunos a entenderem criticamente as dinâmicas espaciais e sociais da sua cidade.

3. METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho será fundamentada na pesquisa qualitativa na qual será desenvolvida por meio de maneira interpretativa e analítica as letras de música (THIOLLENT, 2007).

A análise crítica potencializa debates sobre as letras das músicas para trabalhar com as considerações material, contraditória e dialética na qual vivenciamos atualmente. A análise das letras será realizada por meio crítico e interpretação das letras. A partir do conteúdo apresentado buscar-se-á perceber os conceitos e conteúdos geográficos para analisar os processos espaciais existentes nas letras.

O uso das letras de rap não apenas engaja os alunos ao conectar o conteúdo curricular com suas experiências locais e culturais, mas também facilita uma análise crítica dos aspectos geográficos e sociais que moldam suas vivências urbanas. Essa abordagem não só ressoa com a realidade local, mas também promove uma educação mais inclusiva e contextualizada, alinhada com os desafios contemporâneos da educação interdisciplinar (FERREIRA 2012).

Considerando a importância do espaço urbano e a necessidade de uma compreensão crítica do ambiente urbano, esta pesquisa adotará uma abordagem interdisciplinar e antirracista. A abordagem antirracista busca valorizar e promover a cultura afro-brasileira como parte essencial do currículo escolar (OLIVEIRA, 2015). Isso inclui selecionar letras de rap criadas por artistas negros e periféricos que expressam experiências autênticas e

perspectivas sobre a realidade urbana de São Gonçalo. Essas letras não apenas refletem a diversidade cultural da cidade, mas também contestam estereótipos e preconceitos históricos associados à população negra.

Para explorar como as letras de rap podem ser utilizadas como recurso didático no ensino de geografia, focando na cidade de São Gonçalo, o objetivo é não apenas promover uma educação inclusiva e contextualizada, mas também combater o racismo estrutural e promover a valorização da cultura afro-brasileira nas práticas educativas. Com isso, será estruturado da seguinte forma:

1. **Seleção das Letras de Rap:** As letras serão escolhidas com base na representatividade cultural afro-brasileira e na capacidade de abordar temas como identidade negra, resistência cultural, desigualdades socioespaciais e violência urbana. Será dada preferência a artistas negros e periféricos que expressem perspectivas autênticas sobre a realidade urbana de São Gonçalo. Cada letra selecionada será contextualizada dentro da história do movimento hip-hop no Brasil e das lutas sociais da comunidade afro-brasileira, especialmente em relação às dinâmicas urbanas e raciais em São Gonçalo.
2. **Análise e Interpretação:** As letras serão analisadas criticamente em sala de aula para explorar como abordam e contestam o racismo estrutural, a segregação socioespacial, a violência policial e outras formas de discriminação presentes na cidade. Serão promovidos debates que incentivem a troca de experiências e a compreensão mútua entre alunos de diferentes origens étnico-raciais, buscando construir um ambiente de aprendizagem colaborativo e respeitoso.
3. **Atividades Didáticas:** Serão desenvolvidas atividades didáticas que integrem as letras de rap ao currículo de geografia escolar. Isso incluirá estratégias como análise de letras, discussões em grupo, produção de mapas mentais e outras técnicas participativas que estimulem a reflexão crítica e a contextualização dos conteúdos geográficos no cotidiano dos alunos. Os alunos serão estimulados a compartilhar suas próprias experiências e perspectivas sobre as questões abordadas nas letras de rap, promovendo um espaço seguro para expressar identidades e discutir desafios enfrentados nas comunidades urbanas

4. **Implementação e Avaliação:** As atividades visam a implementação em salas de aula de escolas públicas de São Gonçalo, envolvendo alunos do ensino fundamental e médio. Serão realizadas avaliações formativas e somativas para verificar o impacto da metodologia no engajamento dos alunos, na compreensão dos conceitos geográficos e na formação de uma consciência crítica em relação ao espaço urbano e seus atravessamentos.
5. **Coleta de Dados e Análise:** Dados serão coletados por meio de observações em sala de aula, registros das atividades desenvolvidas e feedback dos alunos e professores participantes. A análise dos dados será realizada de forma qualitativa, buscando identificar padrões de aprendizagem, mudanças nas percepções dos alunos sobre o espaço urbano e o potencial pedagógico das letras de rap.
6. **Discussão e Considerações Finais:** Esta seção fornecerá uma reflexão crítica sobre os resultados obtidos com a metodologia proposta. Será discutido o impacto percebido no engajamento dos alunos, na compreensão dos conceitos geográficos e na formação de uma consciência crítica em relação ao espaço urbano e às questões sociais abordadas pelas letras de rap. Além disso, serão exploradas as contribuições para uma educação mais inclusiva e contextualizada, particularmente no contexto de São Gonçalo. Aspectos como a eficácia das atividades didáticas, a receptividade dos alunos e a relevância das letras de rap como recurso pedagógico serão analisados à luz dos objetivos da pesquisa e das teorias educacionais interdisciplinares e antirracistas discutidas anteriormente.

Desta forma, será enfatizada a importância de integrar perspectivas afro-brasileiras nas práticas educativas, não apenas para combater o racismo estrutural, mas também para promover uma valorização genuína da cultura e da identidade negra nas escolas. Questões emergentes, como os desafios enfrentados na implementação da metodologia e as possíveis adaptações para diferentes contextos escolares, serão consideradas para orientar futuras pesquisas e intervenções educacionais. Esta metodologia não apenas utiliza o rap como uma ferramenta pedagógica para o ensino de geografia urbana, mas também busca promover uma educação antirracista que capacite os alunos a compreender e transformar as realidades sociais e espaciais de São Gonçalo.

4. EXPLORANDO SÃO GONÇALO ATRAVÉS DAS LETRAS DE RAP

O surgimento do Hip-Hop em São Gonçalo é frequentemente atribuído, tanto pelo discurso midiático quanto pelos próprios Hip Hoppers, às oficinas de Break e Grafite iniciadas com intenções educacionais. Estas oficinas, realizadas em escolas públicas periféricas, visavam orientar os estudantes a encontrar alternativas e formas de sobrevivência longe do crime e da pichação. Observaremos como a imprensa utiliza o Hip-Hop como uma ferramenta para renovar os signos de distinção da juventude gonçalense, construindo diferenciações entre o jovem grafiteiro e o pichador, assim como entre o jovem rapper e o funkeiro.

O Hip-Hop em São Gonçalo se desenvolve em um contexto complexo, onde a mídia e as instituições têm um papel crucial na definição das práticas culturais. As oficinas de Break e Grafite surgem como iniciativas educacionais que oferecem alternativas aos jovens, enquanto a mídia constrói uma narrativa que diferencia práticas artísticas consideradas legítimas de atos marginais. Essa dinâmica molda as estratégias dos Hip Hoppers, que navegam entre essas influências em busca de visibilidade e afirmação social. (GONZAGA, 2022; COSTA; SACRAMENTO, 2023)

Os anos 2010 trouxeram mudanças significativas para o Movimento Hip-Hop em São Gonçalo. Um marco importante foi o afastamento parcial da maioria dos praticantes de Hip-Hop da instituição SESC, levando o movimento de volta às ruas. Este período também foi marcado pelo fortalecimento das rodas culturais no Rio de Janeiro, impulsionadas pelo desenvolvimento do Circuito Carioca de Ritmo e Poesia (CCRP). Paralelamente, a evolução tecnológica e o aumento do acesso à internet transformaram a difusão de vídeos e músicas se consolidando e popularizando. Durante esse período, surgiram as primeiras gravadoras especializadas em Rap em São Gonçalo, como Caverna do Dragão, 360k e Hostil Records. As rodas de rima de MCs, como a Batalha do Tanque e o Festival de Rap e Cultura da Trindade, ganharam visibilidade em todo o Brasil, com vídeos alcançando mais de 1 milhão de visualizações. A cidade destacou-se no cenário nacional enviando campeões estaduais para o Duelo Nacional de MCs, com nomes como Naan em 2013, Orochi em 2015, Samurai em 2016 e Choice em 2017. Em 2016, dos 8 MCs classificados para a seletiva estadual, 4 eram de São Gonçalo: Fael, Pelé, Samurai e Jhony. (GONZAGA, 2021)

São Gonçalo se consolidou como um núcleo vibrante e diverso de produção cultural, especialmente no Rap. A cidade não só oferece um espaço para a expressão artística dos jovens, mas também contribui significativamente para o cenário nacional do Hip Hop. Com suas rodas de rima, gravadoras especializadas e festivais, São Gonçalo proporciona plataformas para que os artistas emergentes ganhem reconhecimento, mostrando a força e a resiliência de sua juventude criativa.

Com isso, rappers como Funkero, Dipro, Choice, Orochi, Dom Negrone e entre outros, em suas letras são tratadas diversas temáticas urbanas e podem ser utilizadas para discussão sobre problemas urbanos tais como: conurbação, a condição da periferia, problemas de desigualdade social, pobreza, marginalização, repressão policial, ausência de políticas públicas eficazes, racismo, segregação socioespacial, etc.

Em “Favela Vive 2” (2016), parte do Projeto Favela Vive (com cinco audiovisuais de Rap gravados no estado do Rio de Janeiro), o rapper Funkero, um MC do Jardim Catarina (SG) considerado “reliquia” da cena em que traz o município de São Gonçalo com a seguinte mensagem:

“Favela vive no coração de cada morador
 Na lembrança de cada vida que a guerra levou
 Somos a tribo perdida, trazida de longe
 Somos filhos da lama, Brasil que a mídia esconde
 Nos entopem de pólvora, coca, esgoto a céu aberto
 E quilombos de madeirite e concreto
 O futuro chegou e ainda usamos corrente
 Escravizados através do tráfico de entorpecente
 Nos empurram todo dia goela a abaixo
 Ódio, medo, desespero e incentivo à violência
 Dizem que somos bandidos
 Mas quem mata usa farda e exala despreparo e truculência
 Cada beco da cidade guarda um pouco da guerra

Com projéteis que acerta, com projéteis que erra
 Parece cocaína, mas é só tristeza
 Ódio nos olhos de quem só conheceu pobreza
 Quem é o inimigo? Quem é você?
 Nessa guerra sem motivos e sem vencedor
 Quem é o inimigo? Quem é você?
 A bala perdida acha o outro sofredor
 Somos soldados pedindo esmolas
 Crianças de pistola, jogando a infância fora
 Ninguém incentiva um favelado a ler, escrever
 Nós já nascemos preparados pra morrer.
 [...]. É um campo minado
 PM aplica pena de morte com aval do Estado
 Quem tá certo? Quem tá errado?
 Só sei que o alvejado é sempre o favelado
 Quantos irmãos tombaram cedo demais
 Favela vive sangrando implorando por paz, paz!”

A música retrata uma realidade brutal e dolorosa vivida por muitos moradores de favelas no Brasil e a realidade de muito gonçalenses. Através de sua narrativa, ela denuncia a violência, a exclusão, a estigmatização e as condições de vida precárias que são características dessas áreas. A letra também enfatiza a falta de acesso à educação e oportunidades, o que perpetua o ciclo de pobreza e violência. A geografia das favelas – caracterizada por habitações improvisadas, falta de infraestrutura básica e localização em áreas de risco – contribui para a vulnerabilidade de seus moradores. A violência policial e a criminalização da pobreza são aspectos críticos que agravam ainda mais essa situação, resultando em um ambiente de medo e insegurança constantes vivenciado diariamente por jovens negros e periféricos de São Gonçalo. A música serve como crítica social e geográfica, chamando a atenção para a necessidade urgente de políticas públicas e análise em sala de aula.

O rapper Orochi, mais um artista de São Gonçalo e advindo da Batalha do Tanque, em sua música "Nova Colônia" expõe a violência e a insegurança que permeiam a vida dos moradores das periferias:

Fogo no museu e fogo na Amazônia
... eu tô na Babilônia
Tudo que restou são cinzas de memória
Sangue pelas ruas, morte nas escolas
Pobre morador com medo até da sombra
E do nada uma bala perdida te encontra
Menos empregados e mais insegurança
Prende um viciado e mata uma criança
Animais se divertindo, manipulando essa massa (yeah)
Pela estrada mais sombria
O pobre caminha pro nada (nada)
ParaFAL, AK47
Guarda-chuva, chuteira ou G3
...Foram 80 tiros de uma vez
Menos um favelado
Mais uma mãe que chora
Mais um preto morre trabalhando
Mais um preto morre indo pra escola
Me diz quanto vale um preto morto (quanto?)
Menos que um gol na Copa
Já que preto e maconha não presta
Quanto vale um avião de coca? (Coca)
Como se torna uma celebridade
Vivendo em tempos de calamidade?...

Assim como em “Favela Vive 2” traz uma mensagem que reflete a dura realidade das favelas, “Nova Colônia” também oferece uma visão crítica e direta sobre as condições de vida nas comunidades periféricas. Por meio de sua narrativa, Orochi expõe as dificuldades enfrentadas pelos moradores e critica a falta de compreensão e apoio por parte da sociedade e da mídia.

Essas músicas, com suas letras contundentes, fornecem uma análise crítica das condições sociais e urbanas das favelas, abordando temas como violência, marginalização e exclusão social. Elas servem como uma ferramenta poderosa para a discussão sobre a realidade urbana, as divisões sociais e as injustiças que afetam as comunidades periféricas, e podem ser usadas no ensino de Geografia para promover a reflexão sobre as disparidades e as necessidades de políticas públicas mais qualificadas.

Ambas as músicas tratam das condições de vida nas favelas e periferias, evidenciando a desigualdade social e a falta de infraestrutura básica. Em "Favela Vive 2", versos como "Somos filhos da lama, Brasil que a mídia esconde" e "Nos entopem de pólvora, coca, esgoto a céu aberto" ilustram a precariedade dos serviços e a marginalização dessas áreas. Essas descrições podem ser utilizadas para discutir o processo de urbanização em São Gonçalo, a formação de favelas e os problemas decorrentes da falta de planejamento urbano. A música "Nova Colônia" de Orochi aborda as condições de vida nas favelas, refletindo a desigualdade social e a falta de infraestrutura básica. Por meio de versos como “Sangue pelas ruas, morte nas escolas” e “Menos empregados e mais insegurança”, Orochi destaca a violência e a insegurança que permeiam a vida dos moradores das periferias. As linhas “Prende um viciado e mata uma criança” e “Menos um favelado, mais uma mãe que chora” evidenciam o impacto devastador da repressão policial e da violência sistemática sobre a comunidade.

Paulo Freire (1997; 2005), em suas obras, enfatiza a importância da educação como um meio de transformação social e política. O rap em São Gonçalo, ao retratar as condições de vida nas periferias e expressar as lutas e desafios enfrentados pelos jovens, se torna um poderoso meio de conscientização e mobilização social. Essa dinâmica está alinhada com o pensamento de Paulo Freire, que afirma:

Somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua ‘conivência’ com o regime opressor. Se esta descoberta não pode ser feita em

nível puramente intelectual, mas da ação, o que nos parece fundamental, é que esta não se cinja a mero ativismo, mas esteja associada a sério empenho de reflexão, para que seja práxis. O diálogo crítico e libertador, por isto mesmo que supõe a ação, tem de ser feito com os oprimidos, qualquer que seja o grau em que esteja a luta por sua libertação. Não um diálogo às escâncaras, que provoca a fúria e a repressão maior do opressor. (FREIRE, 2005, p. 29)

As letras de rap frequentemente expõem a realidade brutal vivida pelos moradores de São Gonçalo, apontando para a violência policial, a marginalização e a falta de infraestrutura. Como Freire (2005) sugere, essa exposição permite que os oprimidos identifiquem claramente as fontes de opressão e se engajem na luta por mudança. No contexto do rap, isso se traduz na conscientização dos jovens sobre sua realidade e na mobilização para enfrentar essas adversidades. O rap não se limita a um simples ativismo, ele é uma forma de práxis. As músicas frequentemente refletem profundamente sobre as condições sociais e políticas, promovendo uma análise crítica da realidade. No ensino de Geografia, isso pode ser utilizado para discutir a estrutura e a organização do espaço urbano, as disparidades entre áreas centrais e periféricas, e as consequências da falta de planejamento urbano.

As letras de rap mencionadas, como "Favela Vive 2" e "Nova Colônia", oferecem uma rica oportunidade para explorar temas relevantes no ensino de Geografia, especialmente focando em São Gonçalo. Essas leituras contribuem para o Ensino de Geografia e a discussão antirracista, tal como:

- I. **Processo de Urbanização e Formação de Favelas:** As músicas retratam vividamente as condições de vida nas favelas e periferias, descrevendo a falta de infraestrutura básica, o impacto da urbanização desordenada e a marginalização social. Isso permite discutir com os alunos como o crescimento urbano sem planejamento adequado contribui para a formação de favelas e as consequências sociais e geográficas disso em São Gonçalo.
- II. **Violência Urbana e Segurança Pública:** Ambas as músicas abordam a violência urbana, mencionando confrontos armados, a presença policial e as consequências diretas para os moradores. Esses temas são cruciais para explorar as dinâmicas de segurança pública, as políticas de controle urbano e as falhas do Estado em garantir segurança e proteção para todos os cidadãos.

III. **Discussão Antirracista:** A análise das letras de rap pode ser enriquecida com uma abordagem antirracista, explorando como as experiências descritas nas músicas são moldadas por estruturas de poder que perpetuam a desigualdade racial. Por exemplo, as referências à violência policial e à criminalização de comunidades periféricas podem ser discutidas à luz do racismo estrutural no Brasil, destacando como as políticas públicas historicamente discriminatórias afetam desproporcionalmente as populações negras e afrodescendentes.

Com isso, a inclusão das letras de rap no ensino da Geografia, à luz das ideias de Paulo Freire (1997; 2005), proporciona uma abordagem crítica e reflexiva sobre a realidade das periferias. Através da análise das músicas, os alunos podem explorar a relação entre espaço, sociedade e política, promovendo uma educação mais envolvente e consciente das complexidades da realidade urbana.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da cultura Hip-Hop como recurso geográfico revela uma profundidade significativa no entendimento das dinâmicas urbanas e sociais. Originário das periferias de Nova York na década de 1970, evoluiu para um movimento global, composto pelos elementos do Rap, dança break, DJ e Graffiti. Este movimento não apenas oferece uma plataforma para a expressão artística, mas também serve como um veículo poderoso para a crítica social e a ressignificação de comunidades marginalizadas.

Ao adentrar o Brasil, encontrou um terreno fértil nas periferias urbanas, onde se consolidou como uma ferramenta de resistência e transformação social. Através de eventos culturais e a criação de espaços de união e debate público, o Hip-Hop Brasileiro, especialmente o rap, emergiu como uma voz crítica contra as desigualdades socioespaciais e o racismo estrutural. O "quinto elemento" que permeia o movimento, desempenha um papel crucial na mobilização de comunidades e na promoção de uma identidade coletiva.

A relevância do rap no ensino de Geografia, especialmente em contextos urbanos como São Gonçalo, é notável. A música rap, com suas letras que abordam a segregação sócio-espacial, a violência policial e outras formas de discriminação, oferece uma perspectiva crítica e engajada sobre as realidades urbanas. Utilizar letras de rap como recurso didático permite

conectar o conteúdo curricular com as experiências locais e culturais dos alunos, promovendo uma educação mais inclusiva e contextualizada.

São Gonçalo, com sua rica cena Hip-Hop, exemplifica como o movimento pode influenciar positivamente a juventude periférica. As rodas culturais, as batalhas de rimas e as os territórios que as atravessam, destacam a cidade no cenário nacional do Hip-Hop, proporcionando visibilidade e reconhecimento aos artistas locais. As letras de rappers gonçalenses, que abordam temas como a pobreza, a violência e a segregação, oferecem um material valioso para a discussão de problemas urbanos e sociais em sala de aula.

O Hip Hop, particularmente o Rap, emerge não apenas como uma expressão cultural, mas como um recurso pedagógico que capacita os alunos a compreender e transformar suas realidades socioespaciais. Promover o uso de letras de rap no ensino de Geografia contribui para uma educação antirracista e valoriza a cultura afro-brasileira, fortalecendo a formação cidadã e crítica dos estudantes. A integração do Hip-Hop nas práticas educativas oferece uma plataforma poderosa para a expressão de identidades marginalizadas e uma voz crítica contra as injustiças contemporâneas.

6. REFERÊNCIAS

CONSTRUÇÃO NACIONAL - 50 ANOS DA CULTURA HIP HOP. **Inventário da Cultura Hip Hop no Estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, 2023.

COSTA, Victor Hugo Sodré da.; SACRAMENTO, Ana Cláudia Ramos. A METRÓPOLE SOB ENFOQUE DA VOZ PERIFÉRICA: o rap no ensino de Geografia. **Ensaios de Geografia**, v. 9, n. 18, p. 127-148, 31 ago. 2022.

COSTA, Victor Hugo Sodré da.; SACRAMENTO, Ana Cláudia Ramos. **O Rap e a Geografia na cidade berço de talentos**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. 86p. Disponível em: <https://pedroejoaoeditores.com.br/produto/o-rap-e-a-geografia-na-cidade-berco-de-talentos/>. Acesso em: 27 nov. 2023.

FAVELA Vive 2 (Cypher) – ADL, BK, Funkero e MV Bill (Prod. Índio). Direção: Guilherme Brehm. Produção: Thomaz Garcia. Fotografia de Marcelo Martins. Gravação de Guilherme Brehm, Gabriel Solano e Matheus Yan. Esfinge: **YouTube**, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XYvrwZmjXJY>. Acesso em: 24 jun. 2024.

FERREIRA, Manuel Nunes. **A MÚSICA COMO RECURSO DIDÁTICO NA AULA DE GEOGRAFIA**. Orientadora: prof. Dra. Marli Sales. 2012. 51 f. Monografia (Bacharel e Licenciatura em Geografia), Brasília, 2012. Disponível em:

https://bdm.unb.br/bitstream/10483/7051/1/2012_ManuelNunesFerreira.pdf. Acesso em: 10 jun. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 33 ed. São Paulo: Paz e terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005

GUIMARÃES, Maria Eduarda Araujo. **A GLOBALIZAÇÃO E AS NOVAS IDENTIDADES: o exemplo do rap**. Perspectivas, São Paulo, v. 31, p. 169-186, jan./jun. 2007

GONZAGA, Klauder Vicente Quevedo. **O Hip Hop em São Gonçalo/RJ: territórios, experiências e memórias (1990-2017)** 2022. 126 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2022.

MENDES, Gabriel Gutierrez; NEIVA, Gabriel Chavarry. O rap na cidade: O “Quinto Elemento” e as Rodas de Rima do RJ. **Tríade: Comunicação, Cultura e Mídia**, Sorocaba, SP, v. 7, n. 14, 2019. DOI: 10.22484/2318-5694.2019v7n14p199-219. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/triade/article/view/3427>. Acesso em: 7 jun. 2024.

NUNES, Dennys Henrique Miranda. **O jogo no pedaço: o Hip Hop como expressão popular na Praça dos Ex-Combatentes em São Gonçalo/RJ**. Orientador: João Marçal Bodê de Moraes. 2019. 57 f. Monografia – Universidade do Estado do Rio de Janeiro – FFP / Departamento de Geografia – Geografia, 2019.

NOLETO, Camilly. **Batalha do Tanque - São Gonçalo**. Wiki Favelas, 7 set. 2023. Disponível em: https://wikifavelas.com.br/index.php/Batalha_do_Tanque_-_SG. Acesso em: 24 jul. 2024.

OLIVEIRA, Denílson Araújo. Possibilidades de leitura do continente africano a partir do ensino de Geografia: uma avaliação preliminar dos impactos da Lei nº 10.639/03. In: BEZERRA, Amélia Cristina Alves et al. (Org.). **Formação de professores de Geografia: diversidade, práticas e experiência**. Niterói: EdUFF, 2015, p. 157-190.

OROCHII. Nova Colônia. **Youtube**. 20 mar 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OEUCO6Q-OpA>. Acesso em: 24 jun. 2024.

TEIXEIRA, Alison Nascimento. **O RAP na Geografia: possibilidades de mediação do conhecimento e ensino de Geografia a partir da periferia**. 2020. 124 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020. DOI <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2020.258>

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2007.